

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 5\$000.

EDITOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3\$000

ANNO VIII

THEREZINA 27 DE JANEIRO DE 1883

N. 281

EXPEDIENTE.

Rogamos aos nossos assignantes q' se dignem mandar-nos satisfazer a importancia que se achão a dever.

Esta empresa luta com sérias difficuldades, e é por este motivo somente que exige a pontualidade d'aquelles que concorrem para a sua sustentação.

Camara Municipal.

Reunião ordinaria.

1.ª SESSÃO.

Presidencia do Sr. vereador Dr. Simplicio de Souza Mendes.

Aos 8 dias do mez de Janeiro de 1883, nesta cidade de Theresina do Piahy e paço da camara municipal, reunidos os Srs. vereadores Dr. Souza Mendes, Farias, Martins Teixeira, Nonnato, Freire e Chaves, abre-se a sessão.

Lida, é approvada a acta da antecedente.

Officios que vão a archivar:

Um de sua Exc. o Sr. presidente da provincia, de 30 de Novembro do anno findo, approvando a arrematação das passagens do rio Parnahiba, relativamente ao anno de 1883, effectuada por Agostinho Rodrigues de Carvalho.

Outro do mesmo e de igual data, approvando a demissão, a bem do serviço publico, do guarda Silvestre de Souza Lima, e a nomeação do cidadão Aleixo Gomes dos Santos, para substituí-lo.

Outro, de 1.º de Dezembro passado,

transmittindo o jornal « Imprensa », onde se acha publicado o Decreto n.º 8716 de 21 de Outubro ultimo, para o qual chamou a attenção des'a corporação.

Outro do Secretário do Governo da provincia, de 4 de Novembro passado, communicando que S. Evc. por acto d'aquella data, concedeu dois mezes de licença com ordenado ao advogado d'esta camara, Dr. Augusto Colin da Silva Rios, para tratar de sua saúde.

Outro do mesmo, de 1.º de Dezembro findo, communicando que Sua Exc. o Sr. presidente da provincia, por a to d'aquella data, julgou de nenhum effeito o de 24 de Maio do anno passado, pelo qual nomeou o cidadão Raimundo Gomes de Souza para o cargo de 3.º suppleto do juiz municipal do termo desta capital, por não haver prestado juramento no prazo legal, e de novo o nomeou para o cargo referido; servindo-lhe o mesmo titulo da primeira nomeação.

Outro do Dr. Augusto Colin da Silva Rios, de 2 deste, communicando que nesse dia entrou no gozo da licença que lhe foi concedida por Sua Exc. o Sr. presidente da provincia.

Outro do Sr. vereador João Baptista Monteiro Sobrinho, datado de hoje, communicando que deixou de comparecer á sessão por motivo de molestia.

Presente uma replica do Dr. Agostinho Pereira da Silva, representado por seu procurador Dionizio de Souza Broxado e Silva, pedindo o pagamento da quantia de rs. 30\$000 de custas do processo de Arthur de Hollanda Costa Freire; a camara resolve indeferir-a á vista do parecer do Sr. advogado.

E para constar, eu Satyro José Pinto d'Oliveira, secretario da camara, lavrei a presente acta.

SECÇÃO LIVRE

Resposta dada ao Sr. Dr. Antonio Coelho Rodrigues pelo Sr. Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho.

(Continuação do n.º 283).

IV

Em que faltei a verdade, em que neguei justiça ao meu illustre primo Dr. Coelho Rodrigues, para que S. S. pudesse achar-se com o direito de esperar de mim um acto de reparação?

Não é tão facil apanhar no curso do seu longo aranzel difamatorio todos os pontos de accusação, sem o risco de escapar algum ao meu empenho de defeza. Por isto vou rennir-os todos em ordem numerica e responder a cada um de per si:

—1.º Que « a falsa fé provoquei um choque violento entre nossas mais energicas e inconciliaveis paixões da mocidade. »

—2.º Que « não respondi á duas cartas suas provocando-me á explicações sobre politica, quando deveria fazel-o para beber agua em fonte pura e seguir a estrada real e recta, em vez de tomar por um rodeio escabroso e envio. »

3.º Que « eu não soube reconhecer a generosidade com que S. S. me havia restituído certa carta de 22 de abril de 1872, ficando desapossado de um documento capaz de fazer esfriarem no futuro meus ardores politicos e zelo religioso. »

4.º Que « não era bastante a prova em que eu fundava meu juizo acerca de sua deserção das fileiras do catholicismo. »

5.º Que « sendo eu sectario fervoroso do Evangelho deveria dirimir com S. S. minhas queixas em particular e não levar á tribuna universal e á publicidade escandalisadora da imprensa os motivos de minha cruzada contra sua pessoa. »

—6.º Que « minha pastoral—manifesto fez-lhe mal, por ter sido predicas á portas fechadas, parecidas com os enredos da intriga ou com as mordeduras da calumnia. »

7.º Que « esses pronunciamentos meus, reservados em principio, foram multiformes e inexoraveis; e que de proposito não acudi á sua provocação directa, afim de confirmar minhas suspeitas ou dissipar minhas duvidas, por querer continuar á salvo minha propaganda á sorrelfa, evitando antes da eleição qualquer defeza que pudesse frustrar meus planos de addição de votos conservadores e liberaes no 1.º escrutinio, ou por suppol-o capaz de negar a verdade que lhe fosse perguntada. »

8.º Que « os motivos de minha opposição á S. S. não são bastantes nem verdadeiros; que Deus não me nomeou procurador contra os interesses de sua candidatura, & que por motivos pequeninos e para fins profanos fiz politica em nome de Deus e á sombra da religião. »

9.º Que « fica-lhe a consciencia de ter o sentimento religioso mais firme e mais sincero que o meu, pois que teme mais especular com a fé alheia: —abusar da credulidade do proximo para satisfazer vioganças mesquinhas; —em nome de Deus especular com a religião; —pregar o céu aos outros para distrahil-os, em quanto lhes toma a terra: —ser hypocrita na phrase do Evangelho, para dizer tudo de uma só vez e n'uma só palavra—teme mais

FOLHETIM.

A vingança do ancião.

Eis que chega o vapor; a turba curiosa
Avança para bordo, alegre e pressurosa,
Buscando receber noticia d'outras plagas.
Qual vai sanar do peito as cruciantes chagas,
Que abrija a ausencia má do velho e bom amigo;
Qual, dando um terno abraço áquella que consigo
As premissas gozou d'uma affeição etherea,
Ergue os olhos sorrindo á vastidão sidera;
Outros (em toda parte ha desses mór porção)
Vão com o fim de exercer nojenta adulação,
Suppondo que ali vem do Presidente o pagem
Sem ter onde alojar a official bagagem.
Um joven, cujas mãos têm callos do trabalho,
Bem antes de alcançar pauperismo agasalho
P'ra repousar a fronte e descansar um pouco,
O choque mais cruel recebe e como louco
Solta um grito de dor: —meu pai! oh ceos! é morto!
Como agora viver? ei já não tem conforto
Minha mãe, meus irmãos aos males da pobreza?! —
—Obedecei, mancebo, ás leis da natureza,
Tem fé no teu porvir—, diz um severo ancião,
E, exprimindo-se assim com tal resignação,
Elle aclarava a mente exasperada, escura.

D'aquelle que se via ás garras da loucura!
E' sempre bom levar allivio aos corações,
Que gemem sob o peso atroz das afflicções.

Bem longe do rumor, num segregado canto,
Jazia uma mulher banhada em longo pranto!
Era joven ainda, á graça feminina
Juntava uma belleza austera e peregrina.
«Na luz do seu olhar tão languido e tão doce,
Havia o quer que fosse
D'um intimo desgosto»,

E, na morbida expressão do seu moreno rosto,
Lia-se o desespero, a gelida agonia
Que tão pungentemente a alma lhe opprimia!
—O que tendes, senhora? —assim fala o bom velho,
Tencionando talvez lhe dar algum conselho.
—Ah!... elle nem sequer, senhor, me respondeu!
E um profundo suspiro a voz lhe interrompey.
—E' doloroso ver o crime supplantar
A sã virtude assim no mais sagrado altar,
Que Deus lhe concedera—o seio da mulher!
Mulher, quanto has soffrido e quanto has de soffrer
Ainda nesta luta enorme da existencia!
Do seculo o progresso, a salutar sciencia
Recusam-te egualar ao homem, teu algoz!
E a civilização, no seu marchar veloz,
Compraz-se em te manter em dura escravidão!
Estas sentenças taes o nosso augusto ancião

tudo isto do que ser herege ou apostata.» (2)

Respondo ao primeiro, segundo, terceiro, quatro e quinto pontos com o que atraz fica dito. A isto só tenho a acrescentar duas perguntas:

—O seu *aranzel diffamatorio* não será uma confissão do meu juizo acerca de sua deserção?

—O simples facto de eu haver, por necessidade de explicar minha situação politica, dito que S. S. era livre-pensador, teria pela *tribuna universal* e a *publicidade escandalisadora da imprensa* causado tanto escandalo como a sua injustissima aggressão á mim *seu parente e amigo da infancia* sem um motivo razoavel que o possa desculpar de semelhante arrebatamento, — importando este acto seu desmoralisação á nossa familia, desconsideração aos nossos amigos communs e desabono de nossa réputação e creditos de homens sensatos?!

Pense o Dr. como quizer, mas eu fico bem certo de que os seus apologistas não serão tão numerosos, quanto lhe affigura a vaidade.

Ao 6.º—Não é verdade que a minha carta politica tivesse prejudicado sua candidatura: ella não lhe trouxe a perda de um só voto. S. S. não é capaz de provar o contrario.

Não é verdade que eu tivesse escripto contra S. S. epistolas insinuantes. Tenho presentes copias de todas as cartas politicas em que tive occasião de referir-me a sua pessoa; e em nenhuma dellas encontro motivo para esta accusação. Passo a transcrever alguns trechos.

Em seguida algumas palavras de animação e companheirismo que eu dirigi á meus primos coroneis Clementino e Manoel Clementino de Souza Martins eu dizia: «Devemos combater, é inconcusso. O nosso triumpho dependerá de nossa união, não ha duvida. A ambição ou o capricho de candidatos somente poderá nullificar os nossos esforços e os nossos sacrificios, é tambem verdade. A primeira d'estas proposições fica fundamen-

(2) Por hoje fico aqui. No artigo seguinte entrarei na apreciação relativa á minha conducta nos arraiaes conservadores. Por fim farei a critica da religião e da politica de S. S., defendendo a Igreja das indignas e injustas arguições que, á titulo de defeza, contra ella consigna em sua correspondencia.

tada; a segunda é intuitiva diante dos elementos de que dispomos nas diversas parochias que terão de compor o nosso circulo; a terceira, porem, carece de discussão. E aqui apresento-lhes por copia a carta que o partido conservador d'este municipio (com excepção de seu mano e meu presadissimo amigo Zuca) dirigio aos nossos chefes na capital.... (3)

«Eis o meu pensamento em quanto ás conveniencias de partido; os meus sentimentos intimos, porem, abi não se acham. E como estes são (e espero que sempre hajam de ser!) a razão ultima dos meus actos, deve e quero expendel-os sem reserva á vcs., não só porque tem todo o direito á esta deferencia de minha parte, como porque desejo prevenir a estranheza que de certo lhes terá de causar o facto de eu preferir a candidatura de um estranho á do mais illustre membro de nossa familia—acabaado de lastimar que em outras epochas houvesse elle sido victima de semelhante preferencia da parte dos nossos (?). Queiram ou não vcs., aceitar esta justificativa, a verdade é que os principios em que ella se funda me bastam para tranquillizar minha consciencia, e para me garantir a firmeza de que careço nos vendavaes do mar procelloso em que resolutamente arrisco a minha *barquinha*.

—«Jesus-Christo foi, é e será sempre o principal movel das humanas acções no campo das lutas sociaes. Elle é o centro para o qual gravitam, bom ou máo grado seu, as particulas da humanidade; e se é certo que aqui, como no systema universal, uma força de repulsão se traduz pela tendencia ao mal, não é menos verdade que as nações, as sociedades—todos os homens e cada um de per si, com maior ou menos intensidade, têm recebido indelevel impressão d'esse facto estrondoso, iniciado em Belém pelo parto de uma virgem, e consummado no Calvario pelo sacrificio de um homem—Deus. Ainda que annunciado com antecedencia de tantos seculos, esse facto não commovêo menos o genero humano. E como assim não havia de ser—se penedos fendidos, a terra tremula e o sol eclip-

(3) Deveria seguir-se a carta alludida, de certo perfectamente conhecida do Dr. e na qual o partido conservador de Oeiras dava a razão de sua preferencia pelo Dr. Polidoro.

sado attestaram o assombro da natureza physica, perturbada na perpetuidade de suas leis?!—e se mortos ressuscitados vieram confirmar a esperança dos Patriarchas em uma nova ordem moral que seria a glorificação de nosso destino?!

«Mas não vem ao caso este prodigio da misericordia divina; o que me importa dizer é que Jesus Christo, desde o Calvario em que expirou, réo de todos os crimes, até o capitolio d'onde, por seu vigario, preside aos destinos da humanidade como doutor das nações e supremo juiz de todas as doutrinas—Jesus Christo, em todos os tempos e em todos os lugares, encontrou amigos e inimigos, apologistas e detractores. O ferro e o fogo, a calumnia e o sarcasmo, tudo quanto o odio infernal podia suggerir á seus ministros na terra, foi posto em acção para destruir a obra que o Redemptor divino acabava de fundar. Mas tendo o *cutelo dos algozes cega do-se sobre a cabeça dos Crentes*, o *sangue dos Martyres apagado as fogueiras*, e o genio dos Santos Padres confundido os sophistas, como bem disse um illustre escriptor, a verdade religiosa ficou estabelecida sem mais contestação; e a Igreja pôde descansar por seculos sobre a solidez de seus eternos fundamentos... até que uma philosophia impia, digna filha de Voltaire, conseguindo apaixonar os chamados *espiritos fortes* de nossa epocha, produziu esse enxame de livres pensadores que infesta todos os postos da actividade humana, desde a officina do artista até os parlamentos nacionaes e conselhos de corôa. Favorecidos pela indifferença religiosa, em que nós dormiamos um somno de morte, elles campeavam sem opposição em nos o paiz; mas a voz paternal de Pio IX, repetida pelo Episcopado, despertou-nos: e agora, se esses apostolos da impiedade por toda a parte abundam, por toda a parte tambem encontram confesores da fé para confundil-os.

«Estamos em viva guerra: a sentinella de Israel, do alto do Vaticano, deu já o grito de alarma, e as palavras de Christo—*quem não é por mim, é contra mim; Eu confessarei diante de meu Pai á quem me confessar diante dos homens; Eu não vim trazer a paz, mas a espada, &*, resôam

nos arraiaes catholicos e incendiam o ardor de todos os crentes.

«De certo que não se trata de regar com sangue a arvore da fé plantada pelos Apostolos, nem de fundar em razões philosophicas as verdades juradas pela consciencia christã: isto fizeram a constancia dos martyres e a sciencia dos confesores. Compenetrado de nossa fraqueza, Deus exige de nós mais branda prova,—que mantenhemos o que elles fizeram; que, como verdadeiros conservadores, conservemos as leis patrias que garantem á sua santa Igreja o respeito, a independencia e a protecção necessaria para que ella continue á derramar sobre nós as benções e graças do Céu: que resistamos ás tendencias despoticas do liberalismo a invadir o fóro da consciencia e a tyrannizar os nossos sentimentos religiosos, &. E como o unico meio legal de efficaz resistencia de nossa parte é o suffragio eleitoral, bem claro fica, me parece, que não devemos conceder o mandado de representar-nos na assemblea geral á um candidato que conosco não se ache em communhão de crenças politicas e religiosas.

«Eis porque, com formal decisão, repillo a candidatura do Coelho. Em face das importantissimas questões religiosas que terão de ser ventiladas na proxima legislatura, elle não merece a minha confiança.

«Tal é, meus amigos, com sinceridade, a razão d'esse procedimento meu, que (talvez por ser ella ignorada) causou escandalo á meu primo Manoel Clementino. Não sei como vcs. hão de aquilatal-a. Mas eu acho a boa e plausivel.

«Em todo caso, define perfeitamente minha posição perante o nosso partido e minha familia: ambos ficam bem certos de que eu estarei prompto á divergir de qualquer dos dous no momento em que o exigirem os interesses da Igreja.

«Porque, antes de tudo, sou *catholico apostolico romano*. Quanto aos meus sentimentos particulares pelo Coelho, podem crer que são os mesmos ou com pequena differença. Eu desejaria a sua eleição, se ella não fosse incompativel com a de um catholico. A inclusa copia de uma carta minha ao Dr. Simplicio poderá provar-o.» (Continua.)

Profere indignado e, ainda sem saber
Ao certo o que soffria a infeliz mulher,
Se offerece respeitoso a lhe servir de amparo.

Era um varão preclaro:
A senectude, a dor nunca jamais consomem
Os sentimentos bons do coração do homem.

E pariram os dois;
Pouco tempo depois,
Se achavam sob um tecto ameno e hospitaleiro,
Onde ella, confiada em seu bom companheiro,
A ós breve socego e animadora calma,
Abriu-lhe o coração, o intimo da alma:
—Senhor, eu sou esposa e meu marido adoro,
Vim ter a sua casa, o seu auxilio imploro.
Elle me abandonou tenaz e friamente
Ha muito tempo já, mas nunca felizmente
Deixou de proclamar minha honestidade,
Que talvez se approxime á casta virgindade.
Nem sei porque razão repudiou-me assim,
Sem mesmo compaixão manifestar por mim!

Ha ahí um certo arcano,
Ao intellecto humano
Difficil de explicar, pois elle é tambem joven,
Entretanto minha dor e magoa não no movem!
Depois que vi-me só, busquei no patrio lar
Um abrigo, Senhor, mas sempre a soluçar
Minh'alma succumbia a sevas provações!

Taes são os corações
Que amam seriamente! O abandono é duro,
Quando se sente arder no peito amor tão puro!
Deixei, Senhor, meus pais chorosos da desgraça
Que pesa sobre mim e expuz-me ao gargalhar
Desassisado, alvar
Da parva população,
Que, certo, não comprehende o meu atroz soffrer!
Uma carta lhe fiz, mas elle nem sequer
Me respondeu, Senhor!— Houve um silencio austero.
O venerando ancião vacilla em desespero,
E, ao cabo de algum tempo, arranca dos pulmões
Este verbo capaz de intimidar leões:
—Minha Senhora, ouvi! não haja mais tardança,
Em prol de vossa causa eu clamarei—vingança!—
Retira-se e contempla a vastidão do espaço,
Debruçado á janella. O ceo estava baço;
A terra havia já sumido no horisonte
Do sol a encandecente e magestosa fronte,
Mas um raio fugaz de luz ainda assoma
Das montanhas azues na sobranceira coma;
Os passaros voando acolhem-se á folhagem;
Ao longe claramente a rustica linguagem
Se ouve do burguez que volta do trabalho;
Rosna baixinho um cão deitado no soalho.
Bacury, 15 de Janeiro de 1883.

Hygino Cunha.

Administração da provincia.

O redactor anonymo da «Imprensa» (visto que ha um apparente, e outro occulto) volta á carga, com sua verbiagem sophistica, procurando refutar a nossa cerrada argumentação no n.º 282 do «Semenario».

Mais infeliz d'esta, do que o fóra da outra vez, S. S. salta, como gato por brazas, por cima dos innumerados factos, que citamos em prova dos desmandos da actual administração da provincia; para occupar-se exclusivamente, com a nossa humilde personalidade, procurando metter-nos a ridiculo. Saiba S. S. que o ridiculo e o insulto são as armas dos impotentes; d'aquelles que, offuscados pelo brilho da verdade, sentem-se fracos perante uma discussão seria.

Se com isto teve em mira afastar-nos do plano, que queremos seguir—mostrar á evidencia os desmandos de uma administração pôdre—está enganado; não conseguirá o seu intento, porque não prestaremos ouvidos a suas chufas, dicerios e insultos, e havemos de arrastal-o tambem ao terreno da seriedade.

Ja sabiamos que, o redactor effectivo da «Imprensa» (não nos referimos ao honorario, com quem aliás sympathizamos, porque elle entra nestas cousas com Pilatos no cred.) lá da eminencia de sua alta prosapia, sendo um dos sete sabios da Grecia, um póço de sciencias, havia de menos-cabar do nosso modesto estylo e singela dialectica. Mas, saiba S. S., que a verdade não carece de ouropeis e lentejoilas para apresentar-se em publico; o brilho proprio lhe é sufficiente ornato.

Do mesmo modo que, as singelas morenas do nosso sertão, ficão melhor com sua saiasinha de chita e brincos de aljofares, do que com roupagens de seda e brilhantes; assim, a verdade transparece mais com uma linguagem lhana, do que com os atavios e artemanhas da rhetorica. Se pois, S. S. supõe que, com a sua linguagem primorosa, com o seu estylo elevadissimo, e dialectica nunca vista (esta sim, é especial a de S. S.) ha de obscurecer a verdade dos factes apontados; e, com capciosos raciocinios conseguirá illudir a opinião publica; está enganado, ainda uma vez, por que o publico, especialmente o d'esta capital, já conhece as suas manhas de longa data.

Demais, parece, que nós dois não somos concorrentes á algum premio pelo melhor e mais primoroso estylo; portanto, pouco importa saber quem escreve melhor, se nós ou S. S.; de bom grado cedemos-lhe a palma e passamos ao que serve.

Pouco nos importa tambem o qualificativo de liberaes sui generis, que á sua alta importancia aprouve dar-nos, porque resta-nos o direito de dizermos que, sui generis, melhor se applica aos cinco ou seis governistas, que constituem o grupo de S. S., do que a nós, que formamos o grosso ou quasi totalidade do partido.

De formarmos a grande maioria do partido, já demos duas provas bem cabaes; na eleição do Directorio, e nas eleições municipaes; e estamos dispostos a dar tantas outras, quantas forem precisas.

Quanto ao interesse que mostra em saber do nosso nome, lhe diremos que, igual desejo temos nós de saber o nome de S. S.; se pois, tiver a

hombridade de assignar os seus artigos, nós faremos o mesmo; mas, enquanto se conservar occulto, nós tambem permaneceremos occultos; para um anonymo, outro anonymo.

Cumpra observar-lhe que será baldado vir, com desculpa sophistica, dizer-nos, que os artigos alludidos são da redacção da «Imprensa», porque não ha quem ignore nesta cidade, que a «Imprensa» tem hoje dois redactores—um responsavel, e outro, q' tudo dirige por detraz das cortinas.

Com o primeiro nada temos, que nunca nos offendeo; com o segundo, sim, temos contas a ajustar, e, se for homem de bem, assigne os seus artigos, e vamos, em uma discussão pessoal, saber qual de nós tem dado melhores provas de seu character, aqui nesta terra; podendo ficar certo de q', se não empregar seu proprio nome, e sim o do redactor honorario, ou de qualquer outra pessoa, nós tambem não empregaremos o nosso, porque, para um testa de ferro, só outro testa de ferro.

Mas, na insistencia de S. S., em querer saber o nosso nome, nota-se um certo que de arrogante e ameaçador. Quererá, acaso, S. S. saber o nosso nome para poder nos infligir o castigo merecido pela nossa rebelião?

Quem sabe, se S. S., tomando a serio as pilherias da «Epoca», julga-se de facto contra-feitor de alguma feitoria, cujos escravos sejam os liberaes d'esta terra? Se assim pensa, está muito enganado, meu branco; quando no tempo das antigas eleições, não se podia considerar o eleitor e o votante como escravos, muito menos hoje, que o eleitor não é feito pela vontade de nenhum regulo d'aldeia. Portanto, mais de vagar, meu branco; S. S. ainda está muito baixo para pretender castigar; lembre-se que quem foi obrigado a tragar um volume do tamanho de um Goliath, com mais facilidade, podera engolir outros corpos menos volumosos e menos amargos.

Saiba pois, o articulista da «Imprensa», que, o autor dos artigos do «Semenario», não tem medo de caretas, e tem energia bastante para repellir os insultos de qualquer ordem, vindos de quem quer que seja.

Mas não percamos tempo com discussões banaes; passemos ao assumpto.

No nosso artigo anterior tractamos, primeiramente, de desfazer a duvida de S. S., que não queria aceitar como de um liberal, o primeiro artigo do «Semenario».

Para este fim lembramos a S. S. o estado desbaratado do partido liberal, que, em sua maioria, desgostoso com a marcha dos negocios politicos da provincia, e especialmente com a actual administração, deliberou abster-se da politica, até que as cousas tomassem melhor caminho; e, por exemplo de moderação e disciplina, só tomar a offensiva, quando a isto fosse arrastado pelos mandões da terra, que vivem da intriga, illudido ao nosso prestimoso chefe.

Sobre este estado do partido, o articulista da «Imprensa», não disse palavra; não quiz discussão sobre tal assumpto, e cremos que fez muito bem, por que S. S. tem consciencia de ser um dos principaes responsaveis por este estado de cousas. S. S. entende que o melhor meio de fazer politica é andar de azorrage em punho, castigando uns, ameaçando outros, desconsiderando aos amigos de mais prestigio, e fazendo-lhes picardia de toda sorte.

Em segundo lugar, tractamos, n'aquelle nosso artigo, de provar que, com muita razão, era o actual administrador considerado pela maioria dos liberaes, como um traidor politico.

Em apoio d'esta asserção citamos: demissões da liberaes, para serem nomeados conservadores (ex: Miguel Borges); preferencia d'estes para empregos que tinham concorrentes liberaes de igual merecimento (ex: Escola normal); o apoio que presta ao jornal da opposição; a consideração e prestigio de que cerca a seus redactores; a mudança de posição e de linguagem d'esse periodico, que só tem elogios para os actos de S. Exc. ao passo que, continua a fazer guerra ao gabinete de que S. Exc. é delegado: finalmente, estabelecemos o dilemma de—ou ser a «Epoca» contradictoria, ou ser S. Exc. traidor ao governo de que é delegado, por que este jornal, ao mesmo tempo que ataca ao governo, elogia a administração e o seu delegado.

Sobre todos estes factos calou-se o articulista da «Imprensa», para occupar-se somente com o dilemma final; e isto, de um modo que até desdourou aquella redacção, por que, abandonando o terreno da seriedade, em que foi posta a questão, vem com o ridiculo e o sophisma, procurando ladear para escapar á entallação e terminando, dizendo, que não entende o nosso dilemma.

Ou S. S., de facto, não entende, ou não o quiz entender.

No primeiro caso, dá provas de ser muito curta sua capacidade intellectual; e no segundo caso, nos permittirá que, parodiando o annexim citado por S. S.—de ser peor cego, o que não quer ver—lhe digamos que—o peor burro, é o q' não quer comprehender.

Em terceiro lugar, occupamo-nos em citar e analysar alguns dos muitos abusos e desmandos de S. Exc. que, de modo algum, podem ser approvados pelo partido liberal.

Como primeiro abuso citamos a nomeação illegal de um official de gabinete, sem verba no orçamento, por onde fossa pago, contra duas resoluções expressas da Assembléa Provincial, e calcando-se aos pés um artigo do Acto adicional á Constituição do Imperio.

Sobre este facto ainda calou-se o articulista da «Imprensa», por que vio-se completamente entallado.

Como segundo abuso, citamos a demissão illegal do Dr. Polydoro do cargo de promotor publico, para em seu lugar ser nomeado o Dr. Carvalho Souza.

Sobre este facto dignou-se tocar o articulista da «Imprensa», mas, é tão evasiva de que sirvio-se: limitou-se a admirar o nosso liberalismo, e censurar a S. Exc. por demittir um conservador e nomear em seu lugar um liberal; quando a nossa censura foi pela illegalidade do acto, e não pelas côres politicas dos nomeado e demittido: por causa d'esta censura, o articulista da «Imprensa» nos chamou—liberaes sui generis.

Sim, é um liberalismo sui generis, por que é do homem de bem, que não quer a illegalidade, mesmo a favor de seu partido, por que sabe que o acto illegal desmoralisa o governo que o pratica; e, principalmente, quando a esta illegalidade se junta uma mentira official, allegando-se que o Dr. Polydoro, não tinta entrado em exercicio no prazo legal, o que não foi exacto. Demais, o Dr. Polydoro, apezar de conservador, é filho da provincia, e um

advogado de reputação firmada, de illustração conhecida, ao passo que o Dr. Carvalho é um illustre desconhecido, que para aqui veio impellido por circumstancia ignota.

Como terceiro abuso citamos a demissão do Sr. capitão Mignel Borges (liberal) para em seu lugar ser nomeado um conservador. Ahi, alem da illegalidade do acto, censuramos o ter sido feito contra um liberal distincto.

Foi este, outro facto sobre, o qual calou-se o articulista da «Imprensa», foi outra entaladella em que se vio.

Como quarto abuso citamos a nomeação de um chefe de secção para a secretaria do Governo, a qual recaio sobre um moço que, contando apenas 18 annos de idade, tem somente um anno e poucos mezes de emprego publico, passando em tão curto espaço pelas gradações de collaborador, praticante, official e chefe de secção, com prejuizo de dois moços de idade madura, que alem, de maiores habilitações, contavão um 12 e outro 13 annos de serviço.

O articulista da «Imprensa», respondendo a esta questão, usou de uma repugnante má fé, que devia envergonhar ao seu autor. Disse o articulista da «Imprensa», que, era especial o nosso liberalismo, censurando a S. Exc. por ter nomeado a um liberal com preterição de um conservador, quando é sabido por todos que forão dois os preteridos—um liberal e outro conservador; o articulista portanto usou de má fé, em sua argumentação, e fica, assim, desmascarado. Demais, não censuramos a S. Exc. por ter a nomeação recaido em um liberal e não em um conservador; censuramos-o, sim, pela justiça de seu acto, não attendendo os mercedos e antiguidade, que dão direito a preferencia, segundo a lei.

Como mais um abuso de S. Exc. censuramos, o abandono em que deixa a presidencia da provincia, para andar, ha cinco mezes, em constantes pagodeiras, á cima e á baixo no rio Parnabyba, vindo apenas a capital de quando em quando, como de passeio demorando-se poucos dias, para voltar logo ao seu Dulce farniente da Amarração, onde passa mezes, com prejuizo do serviço publico.

Entretanto, as repartições de arrecadação ficão paralyzadas e as partes não podem mais obter despacho algum por que S. Exc. mudou sua residencia para um dos extremos da provincia.

Sobre isto tambem entendeu calar-se o articulista da «Imprensa».

Finalmente, tratamos da demissão acintosa do Sr. Dr. Cruz, que o articulista da «Imprensa», insiste em fazer acreditar, que não foi devida a má vontade de S. Exc. para com aquelle amigo, nem ao desejo de fazer cortezia aos conservadores; mas é certo, que a antecipação d'aquelle acto assim faz acreditar.

Não censuramos, pois, a S. Exc. por ter a nomeação recaido n'um conservador, o Sr. Dr. Arêa Leão, que nos merece consideração, e sabemos ser muito digno de occupar aquelle lugar; mas, censuramos a antecipação do acto de S. Exc., que foi offender a um amigo, sem a menor necessidade.

Eis portanto, reduzida a zero, a artilosa argumentação do articulista da «Imprensa»; ahi ficão archivados muitos factos que não forão e nem podem ser contestados.

Agora entale-se o articulista da

«Imprensa», ainda, com os seguintes factos, que passamos a mencionar:

1.º—Como consente, S. Exc., que um empregado, o promotor publico, estando bom, seja considerado doente, para andar com S. Exc. em seus *assaz repetidos passeios á Amarração?*

2.º—Como consente, S. Exc., que este mesmo empregado, seu parente, que accumola ao cargo de promotor o lugar de official de gabinete, seja considerado doente para um emprego e não o seja para o outro, continuando a perceber os respectivos vencimentos?

3.º—Como pode o articulista da «Imprensa» conciliar a hermeneutica discordante de S. Exc., que dá preferença aos bachareis para o lugar de procurador fiscal do Thesouro, ao passo que pega essa preferença para o cargo de promotor publico?

Entretanto, o primeiro lugar era vitalicio, e o segundo não; se pois, S. Exc. deu preferença aos bachareis mesmo para o cargo vitalicio, com mais forte razão, devêra também dá-la para o que não o era. Tanto mais, quando a primeira preferença era marcada, apenas, por um artigo do regulamento do Thesouro em contraposição, para o caso, com uma lei provincial, que, portanto, revogava a disposição d'aquelle artigo do regulamento; ao passo que, a preferença para o cargo de promotor é marcada por uma lei geral, que em sua disposição manda preferir *sempre* aos bachareis formados, logo q' sejam idoneos. E' esta lei—o Decreto de 13 de Dezembro de 1832 em seu artigo 22.

Portanto, sem que fosse negada a idoneidade aos bachareis, q' requereirão promotorias occupadas por leigos, não lhe poderão estas ser recusadas. Se pois, não ha incoherencia n'estas duas decisões de S. Exc. será melhor riscar esta palavra dos dicionarios.

Agora, duas palavras de satisfação a illustrada redacção da «Epoca»:

E' só por falta de espaço, e não por desatenção, que deixamos de responder as observações, que dignou-se fazer sobre o nosso artigo.

Quanto a politica seguida pela *Epoca*, nada temos q' ver; não nos compete analysar se procede bem ou mal elogiando a administração de S. Exc.; ella que assim o faz é porque tem suas razões para isto; e nem a censuramos por assim proceder, censuramos, sim, a S. Exc., que pela vangleria de ter elogios, sacrifica os interesses do partido a que diz pertencer.

Tambem não incitamos a «Epoca» a fazer opposição a S. Exc.; ella que compra com o seu dever como entender, que a seus correligionarios e não a nós, tem que dar contas.

Do mesmo modo, não aceitamos o combustivel que atirou-nos para aticar a nossa fogocira; tambem sebemos cumprir com nosso dever, sem precisarmos das incitações dos adversarios, que só têm a lucrar com a nossa discordia.

Portanto, deixa-nos a «Epoca» lavar a nossa roupa suja, mesmo em casa.

Outro liberal.

9.ª Carta de um vaqueiro á seu patrão.

Estimo que meu patrão
Saude tenha gozado;
Muito bem haja passado
Com a sua obrigação.
Ahi, em nosso sertão,
Nessa terra abençoada,

Onde a vida socegada
Com alegria se passa,
Os espinhos da desgraça
Não entrão n'alm' encourada.

Mas porém cá na cidade
Tudo é muito diferente:
Não se póde ser contente
Nem de manhã, nem de tarde!
Com effeito, na verdade
Eu não fico a costumado
De vêr e ouvir calado
Aqui nesta Theresina,
Que por desgraça domina
Um doutor—Canção—Barbado!

Heide por força contar
Com verdade a meu patrão,
P'ra espalhar no sertão,
O qu'eu poder vaquejar.
Embora, p'ra se vangar,
O doutor canção—Barbado
(Como já fui avizado)
Me mande fazer tocilha;
Mas montado na biscalha
Deixo o mundo empoeirado.

Póde ser—eu não duvido—
Que de noite, sem cautella,
Eu estando longe d'ella
Seja, sim, sorprendido.
Mas, se o cabra eucumbido
De me fazer emboscada,
Não tiver a vida erada
E talento no mocotó,
Desfiaremos cipó,
Nesta beira de chapada.

Porém em quanto o Canção,
O frei Miguel Carnaval.
E o Don-Don Policial
Não m'arrancarem o surrão,
Affianço a meu patrão,
Com palavra de vaqueiro,
Qu' heide correr no aceiro
Das novidades de aqui,
Pegando no tadity
Do Sedea *marracirc*:

E *promode* conversar
Mais melhor com meu patrão,
Visto as mangas do gibão
Mode a lyra pontear.
Pois quero participar
Tudo a vossa senhoria
Que se deu na feitoria
No correr desta semana,
Escanchado na brivana,
Ferrada no pé da cia.

Por causa da decisão
Do rôlo municipal,
O frei Miguel Carnaval
Grune e salta no cambão!
O jornal da opposição,
Como tigre d'emboscada,
Espreitando a embrulhada
P'ra voar-lhe na *cacunda*,
Já lhe preparou a tunda
Que se acha engatilhada.

Como disse a meu patrão:
—São trapassas do Sedea—
Qu'esgravatou na ideia,
E achou occasião,
D'intrigar c'a opposição
O frei Miguel—Pescaria,
P'ra ficar na feitoria
Até vir outro feitor,
Que traga chicarador
P'ra surrar a pretaria.

O Don-Don Policial
Não se mete nessa trica;
Pois nada é na politica
Junto ao frei Carnaval.
Sendo amigo fidalgo
Da illustre opposição,
Tem receios do Canção
A quem adula humilhado,

Não se mostrando empenhado
A favor da decisão.

Consta será decidida
Essa questão intrincada,
Quando o frei Miguel Massada
Já estiver de partida.
E ninguém a,ui duvida
Qu'elle vá se d'uma vez
No principio d'esse mez
De Fevereiro vindouro:
Pois já passa a desaforo
Tantos passeios que fez.

§

Na Parnahyba tem vaga,
(Ha cinco mezes passados)
No quadro dos empregados,
D'official de descarga!
E vivendo aqui a larga
O nosso velho Inspector,
S' esqueceu de mandar pôr
Em concurso esse lugar;
Sem ter dó, sem se lembrar
De quem não é roedor!

Com isto não m' embaraço;
Mas vejo gente gruhindo,
Co' a barriga se sumindo
Pregada no espinhaço!
Precisa ter-se de aço
O coração no pescoço,
Promode não dar-se um osso
A' quem só *reve* a latir;
E as vezes só gruhir
Se ouve com grande esforço!

Entretanto ha barrigudos
Qu'accumullão dez empregos!
São verdadeiros morcegos
D'esses grandes, cabelludos.
Estes, patrão, andão mudos
No thesouro esvoassando,
Com as azas afagando
A presa qu'os alimenta.
E tire *vancé* da venta
O cabellinho arrancando!

§

Como sabe meu patrão,
No orçamento vigente,
Com covardia patente,
Do governo da nação,
Que temo revolução,
Se houver sorteamento
Para o preenchimento
Do Exercito e d'Armada,
Foi uma verba votada
Com todo descaramento!

E ao Piahy tocou
Vinte contos dos votados
Para arranjar se soldados,
Como o governo ordenou.
E por isso nomeou
O frei Miguel, por seu acto,
Quatro capitães—de matto
Cada qual mais estradeiro.
P'ra desgraça do roceiro
Que ignora do facto.

Tem cada um, meu patrão,
Por cada *besta* enganado,
Em cobre limpo, contado,
Bôa gratificação.
E o matuto paspalhão
Troca a sua liberdade,
Sem conhecer, na verdade,
O mais cruel captiveiro,
Qu' soldado brasileiro
Soffre com hosteridade.

A' meu amo digo isto
P'ra prevenir essas gentes,
Que se livram dos agentes
Quando lhes fallarem nisto.
Pois aqui já tenho visto
O Coêtho cantar tão bem,
Dizer vantagens que tem
O soldado da Armada,

Que me parece a toada
Do ante-Christo que vem!

O Dionizio, Furtado,
O capitão Segisnando,
Correm aqui farejando
Um matuto desgarrado.
Precisa muito cuidado
P'ra não cahirem no *maço*
Que se arma a cada passo
P'ra engodo dos beocios,
Porque em fim são negocios
Verder-se homens no laço!

E' de noite—e a brivana—
Já precisa descansar
Qu' está batendo a pestana,
Como quem quer coxilar.
Vou a lyra pendurar;
Até na outra semana.

O Chico-Lumbriga.

CHRONICA SEMANAL

Prevenção.—O folhetim da primeira pagina deste jornal servirá de introdução a um poema que ha de ser publicado na Corte sob o titulo—*A vingança do ancião.*

O assumpto escolhido terá de ser considerado debaixo de quatro aspectos—affectivo, pathologico, politico e social.

O autor é desses que crêem no *avênimento* da poesia philosophica—scientificamente: com um producto da mentalidade humana, a poesia não pode subtrahir-se á transformação por que aquella vai passando.

De subjectiva e inverosimil que era, ella vai se transportando para o dominio do objectivo e do real.

O romance realista attingiu á sua maior perfeição nas obras de Balzac, Zola, e Eça de Queiroz. A poesia moderna já tambem conta os seus representantes na França e em Portugal.

O poeta usou dos versos alexandrinicos por serem os que actualmente estão tendo maior voga.

E aos que por ventura fizerem-lhe alguma increpação, lembra a maxima de Luiz Courier: Embora vos accussem, vos condemnem, vos prendam e vos enforcem, publicae sempre os vossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, é antes um dever; obrigação restricta é para todos os que têm ideias, e communical-as aos outros para o bem commum. A verdade inteira pertence a todos; o que entenderdes que é util, podeis sem receio publicar-o!

ANNUNCIOS

Pharmacia Pedreira

Unico deposito n'esta cidade das especialidades pharmaceuticas de Ferreira & Companhia e Abreu Sobrinho & Companhia.

do Maranhão

Essencia de salsaparrilha e coroba—
Pilulas de fedegoso e caferano
Pilulas de jalapa da terra
—Xarope de sambahyba—
Além d'estes encontrão-se todos as mais preparações d'esta acreditadas casas e se vende mais barato do que em outra parte.

Rua Grande n.º 18.

Theresina—Praça Saraiva—1883